



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL E SO' PER ACCIDENS POLITICO

*Hanc servare modum nostri novere libelli
Per cere personis, dicere de vitiis.*

Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

As exagerações.

Quando hum objecto he tão extraordinario, ou de tanta magnitude, que nos faltaõ termos adequados para exprimir exactamente, entãõ a imaginação, buscando pintallo, ou desorevello, recorre as hyperboles, exagera, e diz mais, do que a cousa he; por que não pode dizer quanto he. Assim o Rei Psalmista, querendo significar a Omnipotencia de Deos, disse *Dominus regnabit in æternum, et ultra*: o Sr. reinará por toda a eternidade, e ainda além.

A hyperbole tem-se entroduzido nos tractos da vida, nas conversações familiares, e mormente em os cumprimentos de urbanidade: por isso nada mais ordinario, do que o dizermos, que estãmos mortos, querendo significar a nossa fadiga, e cansasso. Qual he o namorado, que tendo estado ausente da sua amada, lhe não jura, que quasi morre de saudade, ainda que se lhe apresente gordo, e nadio, como o cachaco d'hum Frade Bernardo? Cer-

tas Senhoritas saõ muito caroveis de exagerações, principalmente quando se queixaõ de qual quer encommodo de saude: huma pequena dor de garganta he logo hum garrotinho: se lhes dóe levemente a cabeça, dizem, que os miollos lhe estaõ saltando; qual quer indisposição d'estomago he huma terrivel gastrite; se porém o encommodo pode dar a entender alguma affecção hemorroidal, nisso nem se toca; por que hemorroida, he molestia de velhos.

Mas em os cumprimentos, visitas, &c. he, que tem o seu imperio as exagerações; por que cada qual que mais revide a respeito de frases hyperbolicas. Muitas vezes se confessa nosso humilissimo servo quem interiormente nos não estima, ou muitas vezes até nos he desaffecçoado. Mais facilmente secará o mar (diz hum de quem pretendemos algum favor) do que deixar eu de o servir: e entre tanto o sujeito está tão longe de taes sentimentos, quanto dista o polo arctico do antarctico. Morre: ei

antes, (exclama o amanietico aos pés da victima, que procura sacrificar a seus criminosos appetites) do que faltar á minha palavra; e a final de contas nem morre, nem mais se lembra do que promettera. Qual he a Menina sentimental, que ausente da sua presada amiga não esteve já morre não morre de pura tristeza, e de saudade? Conheci huma destas, que separando-se de seus *Tudinhos* por alguns mezes, e voltando mui nutrida, e lustrosa, disse á sua amiga, quando se barateavaõ finezas, que vendo, que já não podia com a saudade, assentou de comer sobre posse para morrer de pressa; mas que o resultado fora engordar por aquelle feitio.

As cartas familiares, os bilhetes d'amores, os livros de Poesia erotica estão cheios dessas expressões exageradas: mas felizmente rara he a pessoa, que lhes não dá o devido desconto, reduzindo-as ao seu justo valor, que ás vezes pouco sobe á cima de zero: mas há pessoas, e até Nações naturalmente hyperbolicas, taes são os Orientaes, e entre os Europeos os Hespanhoes. Dotados d'huma imaginaçãõ viva, e ardente tudo pintão com cores exageradas, e muitas vezes com tanta extravagancia, que provoca o riso: assim hum celebre pedante de nome Bartas chamava ao sol *omnipotente Grão Duque das candeias*, aos ventos *postilhões de Eolo*, ao trovão *tambor mór dos deozes*; e hum Hespanhol poz no tumulo de Calros 5.º este epithio. —

Pro tumulo ponas orbem, pro tegmine celum.

Sidera pro facibus, pro lacrymis maria.

Por tumulo o orbe, por coberta o ceo, por tochas as estrellas, por lagrimas os mares. Na passada guerra da Peninsula rondando hum sargento Hespanhol com quatro soldados, como quer que o Major do dia lhe schisse ao encontro, e perguntasse quem era; respondeo-lhe mui ufano, e desdenho-

so — *Iio soi o commandante em chefe desta fuerça armada!* Outro, coronel d'hum Regimento, em occasião de parada zangando-se com hum soldado, disse-lhe ,, Não sei onde estou, que não arrauco aquella morada de casas para dar-te com os alicerces na cara. ,,

Há pessoas naturalmente hyperbolicas, que não sabem descrever as cousas sem se atrarem aos mares das exagerações; e isto provem da vivacidade da imaginaçãõ, quando não he reprimida, e regulada pela razão: mas não devemos confundir o hyperbolico com o mentiroso; por que este diz o contrario do que sente, e aquelle acha sempre pequenas as expressões, que emprega para significar o que sente. O mentiroso inventa, e dá existencia a aquillo, que não a tem, e raramente deixará de contradizer-se: o hyperbolico recorre a vocabulos excessivos para exprimir o que se lhe figura extraordinario, e gigantesco: o mentiroso, em quanto por tal o não conhecem, pode illudir, e ser acreditado; o hyperbolico a ninguém engana; por que todos logo dão o devido desconto ás suas exagerações, e as reduzem ao seu justo valor. Em verdade quem há hi tão baixoujo, e pastrano, que tome em rigor o sentido essas expressões exageradas, que se haõ introduzido no tracto civil, e as pessoas reciprocamente se barateão? Quando alguem nos diz, *sou seu obediente servo, seu creado humilisso*, &c. nós respondemos-lhe com o mesmo, ou igual palanfrorio, e nem elle, nem nós damos o restricto valor a taes modos de fallar: e assim como de parte a partè não se dá engano, tam bem se não dá mentira: parece sim, que há falta de franqueza, ou sinceridade: mas esta virtude he de poucos, e está eliminada do ritual do *bom tom*. O bom tom tem endeosado o refolho, a hipocresia, e a má fé, desterrando do mundo a lhaneza de nossos avós. Homem de bom tom he aquelle, cujos exteriores são afaveis; cujas palayras são

dóces, e urbanas; que he prompto em prometter, e ainda mais prompto em faltar. Conte com a minha protecção, está Vm. infalivelmente servido: muito folgô de lhe poder ser útil, (diz o poderoso dessa classe ao misero, que se vê necessitado, e recorre ao seu valimento) mas apenas dá as costas o protegido, que vai saltando de contente, o Lord nem mais delle se lembra, e no pego dos prazeres, em que vive, engolfado, afoga todas aquellas promessas. Feliz d'aquelle, que não carece de taes Mecenas: a proposito do que dizia com muita verdade o grande Poeta Dante

„ Tu proverai si come sa di sale
Lo pane altrui, e come è duro calle
Lo scenderè e salir per altrui sciale. „

Tu experimentarás quanto he salgado
O pão alheio, e quanto he dura estrada
O descer, e sahir d'outro as escadas.

VARIÉDADE.

Discurso do Sr. Dr. Soares de Meirelles sobre os damnos, que causão os dobres de sinos pelos defunctos.

Senhores

Se he verdade, como estou convencido, que os Medicos em todos os paizes do mundo tem sido a porção de homens, que mais serviços tenhaõ feito á causa da humanidade: se he verdade, que elles mais que nenhuns outros tem contribuido para destruir os erros, e os prejuizos dos povos, e concorrido singularmente para o esclarecimento da razão humana, fazendo com que esta triunfe da hypocrisia, e superstição, que tanto fizerão gemer a humanidade nesses seculos de trevas, e barbarie, e que ainda hoje com desprezo das luzes da nossa era, não cessão de fazer victimas; seria triste, que os Medicos Brasileiros, abandonando a senda por tantos outros dignamente trilhada, fizessem a vergonhosa, e humilde excepção dessa honrosa regra geral.

Creio, Srs., que presentis, que vou fallar d'hum barbaro uso, que nós legarão nossos maiores, o qual (sem hyperbole) tem levado á tumba muitos milhares de homéas. Quantos escaparião á foice da morte, se esse funesto legado do fanatismo, e da superstição tivesse de apparecido d'entre nós? Sim, Srs., vós melhor que ninguem, sabeis de quantas desgraças e mortes tem sido causa o inhumano e barbaro costume dos dobres de sinos pelos que morrem.

Quem melhor do que vós, conhece a influencia do moral sobre o fisico, e a deste sobre aquelle? Vós sabeis, que esta grande influencia de certos orgãos he muito mais vezes devida á importancia de suas funcções, do que á vivacidade de sua sensibilidade, e, o que não he menos digno de nota, o augmento de sua sensibilidade, e mesmo o de sua acção sympathica são mais vezes a consequencia directa de sua debilidade, ou de suas molestias, do que do acrescimo de suas forças; e por isso não vos admiraes, que o systema cerebral, orgão especial do pensamento, e da vontade, tenha maior influencia sobre todos os outros; e que elle reuna todas as condições para que esta acção seja a mais poderosa, e a mais extensa de todas.

Ora postos estes principios, que são incontestaveis, e provados por mil factos directos, que graves consequencias não deve causar o dobre pelos defunctos sobre o moral d'hum individuo, cujo cerebro já excitado pelas sympathias, que o ligão com os outros orgãos a scde da molestia (quando elle mesmo não o seja) se aballa vivamente pela impressão da ideia terrivel, que nelle desperta aquelle signal? Quão fatal se não torna esse horrórroso signal, se a todas estas circumstancias se juncta a existencia de huma epidemia, que em poucos dias, em poucas horas mesmo leva á sepultura grande numero de victimas? Se durante a existencia de lesões, que terminão pela morte dos in-

dividuos; cujos órgãos affectos pouca influencia tem sobre o encephalo, assim no estado de saude, como no de molestia, não poucas vezes a ideia associada de morte, despertada pelo dobre de sinos, faz aggravar as molestias, quando não mata os doentes; como não deve ser de muito piores consequencias esta mesma causa, se as lesões tivessem sua sede no aparelho das sensações? *Puor honorer les morts ils font mourir les vivants!!*

He desnecessario, Srs., enumerar aqui a serie de casos de molestias aggravadas, e de mortes, de que tem sido causa este pessimo, e barbaro costume de dobres de sinos pelos que moriem. Por tanto, Srs., ainda que a ignorancia, e o fanatismo bradem contra vós, cerrando os ouvidos ás suas loucas imprecações, concorrei com vossas luzes, e esforços afim de que os vivos sessem de ser victimas dos mortos. Eis, Srs., não tremais: dai o passo, e o Governo de S. M. I. vos ajudará na vossa philantropica empreza. A vista pois, Srs., das rasões, que acabo d'expor-vos, proponho: 1.º Que se represente a S. M. I. os damnos, que resultão ao publico do uso de dobres de sinos pelos defunctos, o qual não só agrava as molestias, como tambem occasiona mortes, que deixariaõ de ter lugar, se tal pratica não existisse. 2.º Que se suplique ao Mesmo Augusto Sr., que por bem da humanidade, e mesmo da Religião (que não precisa para ser honrada, e venerada, que se se sacrificuem os vivos pelos defunctos) haja por bem ordenar, que tal pratica sesse, acabando assim hum uso, que mais parece de barbaros, do que de Christãos. (*Revista Medica Fluminense*)

Já sei que desta feita incorrerei para alguns na feia pecha de fanatico, ou supersticioso, e bem poder ser, me acusem de falta de condolencia para com os enfermos; por que com o devido respeito não aprovo a medida lembrada pelo Sr. Dr. Meirelles. Apresentarei as minhas

rasões: o Publico sensato, e instruido, que declina a questão. Primeiramente he de advertir, q' o Catholicismo he a Religião do Brazil, e os dobres dos sinos estão intimamente ligados ao Culto Catholico, e isto des de tempo immemorial. O sabio, e virtuoso Bispo do Algarve Fr. Amador Arrais chama aos sinos *lingoagem com que os finados pedem aos vivos, que orem por elles ao Pai das Misericordias*. A Igreja sempre os adoptou em todos os paizes; e creio, que nem o Sr. Dr. Meirelles, nem ninguem provará, que nos antigos tempos era maior a mortalidade proveniente dos dobres de sinos, do que o he hoje em os paizes Protestantes. De mais os dobres dos sinos são signaes para chamar os fieis á celebração das exequias, e Officios Divinos pelos defunctos: e prohibidos os dobres, com que se annunciarão taes cousas? Com trombetas pelas ruas, como praticão os Musulmanos em suas Mesquitas, ou com buzios, como fazem nos assougues para apregoar a carne virada.

Confesso, que os dobres, mormente sendo em excesso, como por abuso se faz em certas Igrejas, possão prejudicar, e tenhão prejudicado muito a alguns enfermos, e que a apreheensão da morte mais de pressa lhes abrevia os dias: mas esses, e outros males são inseparaveis da habitação das Cidades. Tambem o estrepito, e os sons estrugidores podem aggravar muito a certas enfermidades mormente as nervosas, e as do encephalo; e pela doutrina do Sr. Dr. Meirelles devião proscrever-se das Cidades os Caldeireiros, que fazem huma bulha do inferno, os carros, carrinhos, e carroças, as descargas, e artilharias em dias de cortejo, &c. &c.

A educação moderna he toda sensual; e d'aqui nasce o desejo de proscriver a ideia da morte, encarando-a com horror demasiado: mas se des de os nossos primeiros annos fomos creados a olhar para a morte, como filosofos, e Christãos, a teila por huma consequencia necessaria da nossa organização, e nos familiarissemos mais com ella, não seria tão intensa essa apreheensão nos mesmos enfermos. Finalmente talvez se possa afirmar sem medo de erro que a indiscreta applicação do systema de Brossais tem levado muito mais victimas á sepultura, do que os dobres dos sinos. Antigamente havia thisco, por ex, que aturava 5, e 6 annos: hoje nem 6 meses; por que tirão-lhe todo o alimento, concedendo-lhe apenas colherinhas d'agoa com assucar (como se hum homem fosse hum beija-flor), esgotão-o de sangue por meio de centenas de bixas, e reduzido o miserio a hum talinho d'alface, em poucos dias acaba exinano por honra da sceita. Quem vive nas cidades forçosamente ha de sujeitar-se a certos males inseparaveis das grandes populações. Tal he a sorte das cousas humanas.